

PARÁBOLAS DO REINO: UMA AMOSTRA DA LITERATURA BÍBLICA

Adriano Portela¹

Resumo: *A Bíblia é uma literatura, não obstante os seus particularismos. O artigo mostra em que medida ela pode ser considerada como uma literatura, e quais são os particularismos bíblicos que devem ser observados nessa perspectiva de sua leitura e interpretação do ponto de vista literário. Ademais, tomamos por amostra dessa literatura o capítulo 13 do Evangelho segundo Mateus, denominado Discurso das Parábolas do Reino. Esse discurso é rico e denso, do ponto de vista de material estritamente literário. Por essa amostra, podemos perceber o potencial da Sagrada Escritura, e o quanto ela pode oferecer à cultura.*

Palavras-chave: Bíblia; Literatura; Gêneros Literários; Parábolas

LITERATURA BÍBLICA: O QUE É?

A Bíblia, por mais estranho que pareça, pode ser tomada como literatura². Esta afirmação pode causar estranhamento tanto aos literatos, quanto aos crentes das mais variadas denominações de igrejas cristãs. Por certo, ela é digna de desconfiança por parte destes dois tipos de leitores. Os primeiros, se rígidos em seu conceito de literatura, estranharão tal afirmação por suspeitar que se queira elevar à categoria de literatura, mais um tipo de escrito que foge às regras do que faz um texto ser literatura. Os últimos, porque terão a impressão de que estamos retirando a veracidade e historicidade dos textos sagrados, uma vez que literatura é tida comumente como ficção - coisa inventada, tão somente.

Quanto às suspeitas dos primeiros, os literatos, esclarecemos em que sentido falamos na Bíblia como literatura:

Usamos o termo 'literatura' em seu sentido mais amplo. Há um sentido mais estrito que abrange apenas o que se conhece como *belles lettres*, isto é, poesia, contos, romances, peças teatrais, ensaios. Embora a Bíblia contenha esse tipo de material, também há nela genealogias, leis, epístolas, decretos reais, instruções para construção, orações, sabedoria proverbial, mensagens proféticas, narrativas históricas, relações tribais, dados de arquivo, regulamentos, rituais e outros tipos de material mais difíceis de precisar. (GABEL e WHEELER, 1993, p. 18).

¹ Aluno do Bacharelado em Teologia do ITUCSal (cursando o 8º semestre) e de Licenciatura em Letras com Habilitação em Inglês e Português e respectivas Literaturas do ILUCSal (3º semestre), além de formando do Processo Formativo Presbiteral Inicial do Seminário Central S. João Maria Vianney. Orientadora: Prof. Maria de Jesus Barboza de Oliveira.

² Que significa ler a Bíblia "como literatura"? Considerar a Bíblia como consideraríamos qualquer outro livro: um produto da mente humana. Nessa concepção, a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a auto-expressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada (GABEL e WHEELER, 1993, p. 17).

São propriamente os teóricos da literatura que trabalham com a literatura em seu sentido mais amplo, como é o caso de Wellek e Warren, e também Massaud Moisés. O que estes homens consideram como literatura são as obras escritas com uma linguagem polivalente, isto é, uma linguagem cujos signos lingüísticos sejam ricos de sentidos. A função da linguagem utilizada por estas obras seria basicamente a função estética, porque toda a obra estaria disposta de tal modo a transmitir a sua mensagem através da forma, embregada de beleza. “Desse ponto de vista, apenas parte da Bíblia poderia ser considerada como literatura, posto que, segundo Gabel e Wheeler, aproximadamente 1/3 do AT é composto de poesia (Cf. GABEL E WHEELER, 1993, p. 44). SCHÖKEL chega, inclusive, a estimar que ‘A maior parte do AT e parte do Novo pertencem a esse nível da linguagem’ (1992, p. 111). Isso já seria um material considerável para justificar a proposta que fazemos neste artigo”³.

Um outro critério adotado por esses homens para considerar uma obra como literária é a sua ficcionalidade. Mas também dentro desse critério, alguns escritos bíblicos se encaixam, por mais espantosa que seja esta afirmação. Apesar da Bíblia estar repleta de relatos históricos, algumas das suas narrativas são míticas, e não historiográficas. O mito é um outro modo de contar a história de um povo, e era ele que os semitas utilizavam no tempo da redação dos textos bíblicos veterotestamentários. Além disso, a Sagrada Escritura lança mão de novelas, romances e lendas, narrativas construídas para exprimir uma verdade teológica a ser transmitida ao povo, em sua relação com Deus. O conhecimento dessa realidade não retira a veracidade dos relatos bíblicos, porque a verdade bíblica não é necessariamente o que o texto diz gramaticalmente, mas sim o que ele está querendo dizer.

Desse modo, também por este critério, a Bíblia pode ser considerada literatura. Contudo, é preciso observar que ela não pode ser simplesmente considerada em tudo uma literatura como todas as outras existentes no mundo. Há que se preservar a sua especificidade, a saber, a sua particularidade de ser um livro religioso, cuja redação os seus leitores acreditam ter sido inspirada por Deus, bem como a particularidade do seu processo de composição: são vários livros reunidos num só, escritos em épocas e lugares diferentes, por pessoas diferentes – as vezes mais de um autor para um mesmo livro. E além de ter sido fruto de mais de um autor, alguns desses livros passaram ainda pelas mãos daqueles que chamamos de redatores. Esses homens cumpriam a tarefa de dar uma versão final ao texto, alterando da maneira que melhor o aprazesse, para dar a este uma lógica textual. Nenhum livro do mundo atual se compara, nem de longe, com a Bíblia, neste sentido.

Dessa forma, quando falamos em literatura bíblica, estamos nos referindo aos artificios literários utilizados pelos hagiógrafos (escritores sagrados) e redatores, nas diversas narrativas bíblicas. As histórias não são transmitidas secamente, elas guardam uma teologia que se serve de diversos estratagemas lingüísticos-literários para ser transmitida à comunidade dos fiéis.

Isso significa que os hagiógrafos serviram-se das formas literárias e figuras de que dispunham nas línguas semíticas, para poder dizer o que disseram. Por isso é que podemos falar em literatura bíblica. E é um ensinamento de Jesus, transmitido através de uma dessas formas literárias que analisaremos aqui, neste artigo.

OS GÊNEROS LITERÁRIOS BÍBLICOS

A Bíblia, naturalmente, como uma obra literária que afirmamos ser, pertence a um gênero literário – na verdade, não a um único gênero, mas a vários, porque são muitos os livros que a

³ PORTELA, Adriano. A Bíblia como Literatura e a Literatura da Bíblia. In: X SEMOC, 2007, Salvador.

compõem, e variado o tipo de relato de cada um destes muitos livros bíblicos. Tratar-se-ia de um minucioso trabalho classificar todo esse material bíblico dentro dos gêneros literários.

Embora a Teoria da Literatura clássica reconheça apenas o *épico*, o *lírico* e o *dramático* como gêneros literários, seguiremos aqui a proposta de Massaud Moisés, que sugere uma reformulação da concepção de gênero. “Segundo ele, haveria apenas dois gêneros - *prosa* e *poesia* – e estes se subdividiriam em *espécies* que, por sua vez, distribuir-se-iam em variadas *formas*. Por certo, esta é a proposta mais interessante para quem pretenda classificar a vasta literatura bíblica”⁴.

Como dissemos mais acima, tomamos a literatura em seu sentido amplo, de sorte que, também na classificação dos gêneros literários, consideramos como espécies e formas destes, alguns escritos atípicos para essa classificação. Muitos destes escritos não tinham finalidade estética alguma: são leis, bênçãos, histórias familiares, indicações para construções, etc.; em seu contexto de origem, eles surgiram destinados aos mais variados fins, que não aquele de entreter o seu público pela beleza. Outros, porém, embora também não tivessem essa finalidade, foram formados competentemente dentro desse horizonte, porque os escritores servem-se do que existe para transmitir a sua mensagem. E no caso da Bíblia, então, que é Palavra de Deus, os hagiógrafos serviram-se ainda mais do que havia de melhor e mais sofisticado em termos de literatura na tradição judaica. Contudo, diferente das obras da literatura mundial, os livros da Sagrada Escritura, por vezes, são um misto de gêneros e similares, sendo constituídos, por isso, uma vez mais, de uma riqueza inigualável. Desse modo, segue-se a tabela de classificação do vasto mundo das obras literárias da Sagrada Escritura:

Tabela 1 – Gêneros, espécies e formas literárias

Gêneros Literários	Espécies	Formas	Exemplificação
Poesia	Sapiencial	Provérbio, aforismo	Provérbios, Eclesiástico
	Cultural	Salmo, hino	Salmos
	Pessoal	Poema de amor, cântico de exultação, poema de lamentação	Cântico dos Cânticos, Magnífica (Lc 1, 46-56), Poema de Davi a Jônatas (II Sm 1, 19-27)
Prosa	Histórica	Mito	Narrativa da Criação (Gn)
		Novela	Livro de Jonas
		Saga	História dos Patriarcas,
		Lenda	Arrebatamento de Elias
		Historiografia	Evangelhos
	Jurídica	Mandamento divino, legislação real	Código de Santidade (Lv 17-26)
Epistolográfica	Carta Apostólica	Cartas Paulinas	
Apocalíptica	Profecia	Apocalipse	
Figurativa	Parábola, alegoria	Parábolas do Reino (Mt 13)	

⁴ Ibid.

AS PARÁBOLAS DO REINO

Feita a classificação dos gêneros literários bíblicos, e suas espécies e formas, passaremos a uma análise detida do que tomamos por amostra dessa literatura bíblica. Trata-se do capítulo 13 do Evangelho segundo Mateus, que é intensamente rico de literatura (em seu sentido mais restrito, diga-se de passagem), porque em suma é composto pelo que chamamos de parábolas. Ele é costumeiramente chamado de *Discurso das Parábolas do Reino*, o qual se presume ter sido pronunciado por Jesus, à altura do segundo ano do seu triênio de ministério público na Galiléia. Mas Jesus não é o criador das parábolas como forma literária, em seu tempo, era costume que os rabinos utilizassem as parábolas como um método legítimo de ensino das Escrituras, em suas homilias no templo e na sinagoga.

Como vimos na tabela de classificação da literatura bíblica, a parábola é uma prosa figurativa, isto é, uma história na qual o autor se utiliza de imagens para transmitir o que deseja comunicar.

"Parábola", a forma aportuguesada da palavra grega, *parabole*, vem de um verbo grego que significa "atirar para o lado". Uma parábola é uma história que coloca uma coisa ao lado de outra com o propósito de ensinar. É uma comparação, colocando o conhecido ao lado do desconhecido⁵.

O conteúdo dessas histórias, em geral, são fatos verossímeis, embora não raro sejam fictícias. As próprias parábolas contadas por Jesus narram acontecimentos que estão dentro do horizonte existencial daqueles que o escutam (como a sementeira e a pesca), embora as histórias certamente sejam fictícias. Sua finalidade é sempre ensinar, usa o recurso das imagens, a fim de comparar a realidade a ser ensinada através de elementos presentes na realidade já vivenciada.

Dessa forma, neste discurso, Jesus pretende revelar à sua platéia o que é o Reino dos Céus, por isso se utiliza abundantemente de parábolas, as quais em geral iniciam-se com uma **comparação** ("O reino dos céus é como..."). Neste capítulo que temos em mãos, são 7 as parábolas apresentadas por Jesus, a saber:

- 01- O Semeador (Mt 13, 5-8)
- 02- O Joio (Mt 13,24-30)
- 03- O Grão de Mostarda (Mt 13,31s)
- 04- O Fermento (Mt 13,33)
- 05- O Tesouro Escondido (Mt 13,44)
- 06- A Pérola (Mt 13,45s)
- 07- A Rede (Mt 13,47-50)

As parábolas deste capítulo podem ser distinguidas em três tipos: as *Dinâmicas* (Semeador, Grão de Mostarda e Fermento), porque tratam de como "funciona" o Reino dos Céus; as *Escatológicas* (Joio e Rede), porque anunciam o advento deste Reino; e as *Valorativas* (Tesouro Precioso e Pérola), porque indicam o quanto vale o Reino dos Céus. Todavia, esse capítulo 13 de Mateus contém não só as parábolas, mas também uma outra parte que está diretamente ligada às parábolas. Seriam as Explicações: a explicação das parábolas contadas (13,18-23 e 13,36-43) e a explicação do porquê e para quê do uso das parábolas (13,9-17 e

⁵ Disponível em: <http://www.estudosdabiblia.net/1999225.htm>. Acessado em 28/06/07, às 18h.

13,34s). Em todo o capítulo, há uma predominância da metalinguagem no ensinamento de Jesus, já que aí ele procura dar uma explicação do que seja o Reino de Deus, fazendo o próprio Reino; ou, vice e versa, faz o reino, ensinando o próprio Reino.

Estrutura da perícopes de Mt 13,24-30⁶

Tomaremos em particular a Parábola do Joio, para analisarmos mais detidamente. Primeiramente, a parábola faz uma comparação: “O Reino dos céus é como um homem que semeou boa semente no seu campo” (Mt 13, 24). A comparação é com o homem (a sua atitude), e não com o campo, ou a semente. Entretanto, ela ensina para além da própria atitude do homem, porque nos faz conhecer mais sobre o campo. Sobre a semente, já havia sido dito na Parábola do Semeador.

Parece-nos que o tema central seja o julgamento final, quer dizer, o modo com o qual Deus resolve as questões do Reino. Secundário a isso aparece a revelação da existência de um antagonismo: o bem e o mal, que é representado pela semeadura do homem que semeou a boa semente no seu campo, e do inimigo que semeou joio no meio do trigo. A revelação desse antagonismo antecede a explicação de como Deus procede no seu Reino, porque ela é necessária à compreensão dessa explicação. Só há que separar as sementes, porque há quem as mistura antes. Desse modo, a parábola tem três momentos:

1. a comparação do Reino
2. revelação de um antagonismo
3. e a descrição do método de divino

Do ponto de vista da riqueza literária do texto bíblico, podemos salientar, além do próprio brilhantismo da parábola – com a sua dramaticidade, o seu enredo, a sua criatividade –, também as estratégias que o autor utiliza para empreender tal tarefa: as palavras são conotativas e temos uma variedade de figuras de linguagem nesta parábola. A perícopes começa com uma **comparação** do reino com um campo; as circunstâncias narradas são bem detalhadas através da **dualidade**, que é considerada uma figura de linguagem na língua hebraica. A dualidade consiste na dupla informação acerca de uma realidade, sendo que a primeira detalha a segunda. Desse modo, lemos em nossa parábola: “Uma noite, quando todos dormiam”... (v. 25) e “Quando o trigo cresceu, e as espigas começaram a se formar”... (v. 26). Essas informações especificam as circunstâncias em que os fatos aconteceram, criando assim um efeito de realidade.

Além desses dados que apresentamos, há ainda o recurso da **metáfora**, porque todos os elementos da parábola são metafóricos: o campo é metáfora do Reino de Deus; o patrão é metáfora do próprio Jesus, enquanto inimigo é metáfora das forças malignas (que podem ser personificadas na figura do diabo); o trigo é metáfora da Palavra de Deus que é semeada, e o joio, da do diabo que é lançada tacitamente; por fim, os empregados são metáfora de todos aqueles que constroem o Reino dos Céus. Por todo esse aparato, as parábolas são consideradas como uma prosa figurativa, dentro da classificação feita pela crítica dos gêneros literários bíblicos.

⁶ Na linguagem exegética, perícopes é a menor unidade textual passível de estudo exegético, dentro de um texto bíblico. No caso do capítulo 13 de Mateus, por exemplo, cada parábola em particular perícopes é uma perícopes distinta. Como se vê, a divisão das perícopes deve obedecer à lógica do pensamento dos hagiógrafos.

Importância da perícopes dentro do Cap. 13 do Evangelho de Mateus

A primeira parábola do capítulo, que é a Parábola do Semeador, abriu o discurso dando a conhecer que há um semeador que semeia a boa semente. E ele falou dos diversos terrenos. Essa segunda parábola, que é a do joio, complementa a informação da primeira. Se há um semeador que semeia uma boa semente, há também um inimigo que semeia a má semente: o joio. E ele semeia na calada da noite, sorrateiramente. A Parábola do joio vem ensinar como se deve proceder perante essa oposição ao Reino dos Céus. Ela se coliga com a Parábola da Rede, que diz que, no fim dos tempos, os “anjos virão separar os homens maus dos que são bons” (Mt 13,49), assim como os peixes bons apanhados na rede vão para o cesto, e os maus são jogados fora.

Outras parábolas falam da potência do Reino, quando diz que é comparado à semente de mostarda ou ao fermento. Basta pouco, para que ele se torne muito. Essas parábolas parecem tranquilizar os discípulos, porque fala da superioridade do Reino. Se o inimigo semeia a sua má semente, na surdina, imperceptivelmente, por outro lado, a boa semente tem um poder de crescimento imenso, e basta que ela seja semeada, para que suplante as demais.

Por fim, o capítulo apresenta as parábolas do Tesouro Escondido e da Pérola. O Reino dos Céus é um tesouro escondido, aquele que o encontra deve esmerar-se em adquiri-lo, em conservá-lo consigo. Estas parábolas parecem falar diretamente aos seus ouvintes como eles devem se portar em referência ao Reino: há um inimigo que sabota o plano de Deus, por isso, os discípulos do Cristo devem considerar a grandeza do Reino, e devem fazer tudo para conquistar essa grandeza. Eles devem empenhar-se para ter o Reino, fazer dele o seu tesouro precioso.

A partir dessa análise, o capítulo 13 de Mateus pode ser considerado uma verdadeira obra dentro da própria obra que se constitui o Evangelho segundo Mateus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta abordagem exegética da Bíblia, com o auxílio da Teoria da Literatura, faz-nos entrever o que há em comum entre a Literatura e a Teologia. Esta pode ser apenas uma mera demonstração da grande contribuição que uma área do conhecimento pode oferecer à outra. Deixamos uma porta aberta para uma parceria que pode revelar-se profícua e eficaz, contudo, há muito ainda por ser realizado. Esperamos que outros enveredem por este caminho.

REFERÊNCIA

BÍBLIA SAGRADA (Edição Pastoral). 54ª impressão. São Paulo: Paulus, 1990.

<http://www.vivos.com.br/34.htm>.

<http://www.estudosdabiblia.net/parabolas.htm>.

KONINGS, Pe. John. *Gêneros Literários e Verdade Bíblica*. In: *Vida Pastoral*. Setembro/Octubre de 2003. São Paulo: Paulus.

MOISÉS, Maussad. *A criação Literária (Poesia)*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHÖKEL, L. Alonso. *A Palavra Inspirada (A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem)*. Col. Subsídio, nº 9. São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

WELLEK, Rene; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962.